

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS HIV POSITIVO NO BRASIL E NO MUNDO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA¹

SOUSA, Jessilânia Alves Oliveira²
SANTOS, Yurika Vitória da Conceição³

RESUMO

A ausência de informação e orientação torna as mulheres trans e travestis uma população de risco ao HIV. Objetivo: descrever o perfil de mulheres transexuais e travestis que vivem com HIV/AIDS no Brasil. O estigma em relação às mulheres trans e às travestis as torna suscetíveis à violência, evasão escolar, exclusão social, podendo desencadear comportamento de risco ao HIV/AIDS. Por se tratar de uma revisão integrativa, a busca pela literatura foi realizada nas bases de dados de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Eletronic Libray Online (SciELO) Medical Literature Analysis and Retrieval System online (MEDLINE)*, além de embasada nos principais referenciais teóricos, como KULICK, PELÚCIO, BARAL, POTEAT, UNAIDS, a busca resultou em 24 artigos selecionados. Concluiu-se que um perfil de mulheres trans e travesti negras, com baixo nível educacional, usuárias de álcool e/ou drogas e profissionais do sexo estão mais vulneráveis ao HIV/AIDS.

Palavras-chave: HIV. Travesti. Transexual. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

The lack of information and guidance makes transgender and transvestite women a population at risk for HIV. Objective: to describe the profile of transsexual and transvestite women living with HIV / AIDS in Brazil. The stigma in relation to trans women and transvestites makes them susceptible to violence, school dropout, social exclusion, which can trigger HIV / AIDS risk behavior. As it is an integrative review, the search for literature was carried out in the databases of Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), *Scientific Eletronic Libray Online (SciELO) Medical Literature Analysis and Retrieval System online (MEDLINE)*, in addition to being based on the main theoretical references, such as KULICK, PELÚCIO, BARAL, POTEAT, UNAIDS, the search resulted in 24 selected articles. It was concluded that a profile of black trans and transvestite women, with low educational level, alcohol and / or drug users and sex workers are more vulnerable to HIV / AIDS

Key Words: HIV. Travestism. Transgender. Vulnerability.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela professora Dra. Aline do Carmo Gonçalves, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, no segundo semestre de 2020, na Faculdade de Inhumas FacMais.

² Acadêmica do 10º Período do Curso de Enfermagem da FacMais. E-mail: jessilaniaalves@aluno.facmais.edu.br

³ Acadêmica do 10º Período do Curso de Enfermagem da FacMais. E-mail: yurikavitoria@aluno.facmais.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) é resultante da infecção pelo vírus HIV, o Vírus da Imunodeficiência Humana. O primeiro relato de infecção por HIV ocorreu na República Democrática do Congo, no continente africano, no ano de 1959 e nos Estados Unidos da América, em 1981 (GOMES, 2015). Logo se disseminou por todos os continentes e, ainda hoje, continua impactando certa camada da população mundial, em sua maioria, vulneráveis por condições sociais, culturais, econômicas e biológicas adversas (UNAIDS, 2008). Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) estimam que 37,9 milhões de pessoas vivem com HIV/AIDS no mundo. Acredita-se que, desde o início da pandemia do HIV, mais de 74,9 milhões de pessoas foram infectadas pelo vírus e que, em 2018, cerca de 770.000 pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS, em todo o mundo. A situação no Brasil não é menos grave, visto que, de 2007 a 2019, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) mais 300.496 casos de infecção pelo HIV/AIDS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019). A maior concentração dos casos de AIDS, no Brasil, foi observada em indivíduos com idade entre 25 e 39 anos, de ambos os sexos. Nessa faixa etária, 52,4% dos casos correspondem ao sexo masculino, enquanto 48,4% aparece entre as mulheres, levando-se em conta o total de casos registrados de 1980 a junho de 2019 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

O HIV pode ser transmitido por via sexual (esperma, secreção vaginal), via parenteral, que é o contato direto com sangue (compartilhamento de seringas, agulhas e material perfurocortante contaminado) e transmissão vertical (de mãe para filho, amamentação), pois a infecção pelo HIV ocorre através da transferência de células e fluidos contaminados pelo vírus, em que o indivíduo infectado pode transmitir o HIV, durante todas as fases da infecção (LUCIW, 1996). Por isso, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), considera que indivíduos que têm prática sexual de risco, como homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo e seus clientes, estejam dentre a população de maior vulnerabilidade (UNAIDS, 2019). Assim também as pessoas usuárias de drogas injetáveis, quando compartilham material de acesso por causa da transmissão parenteral, bem como filhos de mulheres infectadas por causa da transmissão vertical. Essas são populações de maior vulnerabilidade, pois são frequentemente expostas a inúmeros fatores de risco (UNAIDS, 2019).

De acordo com Kulick (2008) e Pelúcio (2016), as travestis são pessoas que se identificam como homens, porém adotam características femininas e gostam de se relacionar, sexual e afetivamente, com indivíduos de identidade masculina. A principal característica desse grupo é a busca pela inserção em seus corpos de símbolos, socialmente, tidos como próprios do feminino, transitando entre os dois gêneros. Por outro lado, mulheres transexuais (ou, simplesmente, mulheres trans) são pessoas a quem foi atribuído o sexo masculino ao nascer, mas que se expressam permanentemente como mulheres e buscam adequar o seu corpo ao gênero com o qual se identificam. É importante destacar que a orientação sexual se refere à capacidade de um indivíduo sentir atração sexual, afetiva e emocional por pessoa de gênero diferente, de mais de um gênero ou do mesmo gênero (REIS, 2018).

Sabendo-se das preferências e práticas sexuais das populações de travestis e de mulheres trans, é possível inferir que sejam, categoricamente, consideradas como população de risco de HIV/AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST) (NUTTBROCK et al., 2014). Partindo-se de tais perspectivas para essa população, surge a seguinte questão norteadora desse estudo: Qual o perfil epidemiológico de mulheres transexuais e travestis HIV positivo que vivem no Brasil? A relevância desse estudo está no fato de contribuir no direcionamento de políticas públicas na busca e assistência aos grupos epidemiológicos mais vulneráveis, dentre a comunidade de mulheres transexuais e travestis. Além disso, esse trabalho poderá contribuir também no sentido de promover o acesso da sociedade à informação, com o intuito de conceder a educação em saúde, pois são componentes fundamentais de programas que visam aumentar a conscientização sobre os modos de transmissão e prevenção do HIV/AIDS. Esse estudo tem por objetivo analisar as publicações científicas e descrever o perfil de mulheres transexuais e travestis que vivem com HIV/AIDS, no Brasil, além de identificar os principais comportamentos de risco que tornam esse grupo de mulheres suscetíveis a contrair HIV/AIDS.

2. METODOLOGIA

Para a construção dessa revisão integrativa, utilizaram-se as seis etapas pré-definidas, a saber: elaboração da pergunta norteadora; busca na literatura; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados; apresentação da revisão integrativa (SOARES et al., 2014). O instrumento utilizado para analisar os

artigos seguiu a proposta de Gil (2002), que inclui as leituras: exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. A leitura exploratória pode ser comparada à expedição de reconhecimento, a fim de selecionar o material que de fato interessa à pesquisa. Já a leitura seletiva é mais profunda que a exploratória; todavia, não é definitiva, pois é possível que se volte ao material com outras finalidades. A leitura analítica é feita com base nos textos selecionados e, apesar de haver a necessidade de adição de novos textos, tem como finalidade resumir as informações das fontes, de maneira que, ainda, possibilite a obtenção de respostas, em relação com o problema da pesquisa. Na leitura interpretativa, pretende-se conferir de forma ampla os resultados obtidos, através da leitura analítica; no entanto, deve-se atentar em fazer ligações com outros conhecimentos já obtidos (GIL, 2002).

A seleção foi realizada, durante os meses de agosto e setembro de 2020, nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e portal PubMed, que compreende o *Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line* (MEDLINE). Na plataforma MEDLINE, foram realizadas duas buscas sistemáticas com os descritores booleano AND, entre os descritores controlados, e o OR, entre os descritores não controlados (Tabela 1). Os critérios de inclusão foram artigos dos últimos cinco anos, com idiomas em português, inglês e espanhol. Foram excluídas as duplicações, cartas, comentários, editoriais ou opiniões e artigos que não tiveram relação com o tema.

Utilizou-se a forma preconizada pela sigla PICO – que representa um acrônimo para (P) Paciente/População, (I) Intervenção, (Co) Contexto (RICHARDSON et al., 1995); (STONE, 2002), por ser uma estratégia possível na construção de questões de pesquisa de naturezas diversas, oriundas da clínica, do gerenciamento de recursos humanos e materiais, da busca de instrumentos para avaliação de sintomas, entre outras (BERNARDO; NOBRE; JATENE, 2004). No caso exemplificado acima, o "P" correspondeu às pessoas transexuais do sexo feminino e travestis, o "I", à epidemiologia e o "Co", ao contexto do HIV.

A primeira pesquisa foi realizada com todos os descritores controlados e não controlados do grupo "Transgender Persons", "Transvestisms", "Epidemiology" e "HIV", como critérios de inclusão foram selecionados apenas artigos publicados nos últimos cinco anos. Enquanto a segunda busca foi uma combinação dos descritores controlados e não controlados do grupo "Transgender Persons", "Epidemiology" e

“HIV”, considerados como critérios de inclusão artigos publicados nos últimos cinco anos, estudo e ensaios-clínicos (fase I a IV), estudo comparativo, ensaio clínico controlado e pragmático.

A ordem de seleção dos artigos incluídos, após a busca foi: leitura dos títulos, leitura dos resumos e a leitura na íntegra; dessa forma, após a leitura dos temas foram selecionados 17 estudos no total. Em seguida, após a leitura na íntegra dos artigos, 3 desses foram excluídos, por não responderem a questão norteadora, resultando em 14 estudos finais. Todas as buscas foram padronizadas pelo *Medical Subject Heading* (MESH), bem como pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e seus análogos em português e em inglês. Inicialmente, fez-se uma análise descritiva, utilizando os indicadores bibliométricos presentes nos campos de indexação fornecidos pelas bases, com a discriminação dos seguintes itens: ano de publicação, periódico e idioma de publicação.

Seguindo a técnica de análise de Bardin (2011), inicialmente, realizou-se uma leitura flutuante, ou seja, um primeiro contato com os artigos que seriam analisados, bem como a seleção deles, a síntese das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientariam a interpretação formal dos artigos científicos selecionados. Após a leitura desses artigos, verificou-se que havia artigos que não se adequariam ao delineamento desse estudo, por não se tratarem de artigos científicos com dados empíricos (sendo cartas, comentários, editoriais e/ou opiniões) ou porque não se relacionavam de alguma maneira com o transexualismo, travestismo e o HIV.

Na base de dados Scielo, também foram realizadas duas etapas de busca, utilizando os descritores: “HIV” AND “Travesti” que resultou em 3 estudos, primeiramente; em seguida, utilizando os descritores “HIV” AND “Transgender”, obtiveram-se 24 estudos. Apesar de o total ser de 27 artigos, desse número, 10 artigos foram excluídos por estarem duplicados, 5 por não fazerem parte dos critérios de inclusão e 2 não foram considerados, após a leitura dos artigos na íntegra; assim, perfazendo 10 estudos finais.

Já, na base de dados LILACS, a busca foi realizada, mediante a combinação dos seguintes descritores e booleano: “Transgender Persons” AND “Prevalence” AND “HIV”. Os critérios de inclusão foram os artigos dos últimos cinco anos, idiomas em português, inglês e espanhol. E os critérios de exclusão foram artigos de revisão, relato de experiência, carta ao leitor, artigo de opinião e artigos duplicados. Foram

encontrados 5 estudos dentro da seleção; no entanto, foram todos descartados devido estarem duplicados em outra base de dados já selecionada.

Tabela 1 - Descritores controlados e não controlados modelo de PICO

P (Participantes)	I (Interesse)	Co (Contexto)
<p>Transgender Persons Person, Transgender Persons, Transgender Transgender Person Transgenders Transgender Transgendered Persons Person, Transgendered Persons, Transgendered Transgendered Person Two-Spirit Persons Person, Two-Spirit Persons, Two-Spirit Two Spirit Persons Two-Spirit Person Transsexual Persons Person, Transsexual Persons, Transsexual Transsexual Person Transexuals Transexual</p> <p>Transvestisms Transvestic Fetishism Fetishism, Transvestic Fetishisms, Transvestic Transvestic Fetishisms</p>	<p>Epidemiology epidemics frequency surveillance morbidity occurrence outbreaks prevalence endemics incidence</p>	<p>HIV Human Immunodeficiency Virus Immunodeficiency Virus, Human Immunodeficiency Viruses, Human Virus, Human Immunodeficiency Viruses, Human Immunodeficiency Human Immunodeficiency Viruses Human T Cell Lymphotropic Virus Type III Human T-Cell Lymphotropic Virus Type III Human T-Cell Leukemia Virus Type III Human T Cell Leukemia Virus Type III LAV-HTLV-III Lymphadenopathy-Associated Virus Lymphadenopathy Associated Virus Lymphadenopathy Associated Viruses Virus, Lymphadenopathy- Associated Viruses, Lymphadenopathy- Associated Human T Lymphotropic Virus Type III Human T-Lymphotropic Virus Type III AIDS Virus AIDS Viruses Virus, AIDS Viruses, AIDS Acquired Immune Deficiency Syndrome Virus Acquired Immunodeficiency Syndrome Virus HTLV-III</p>

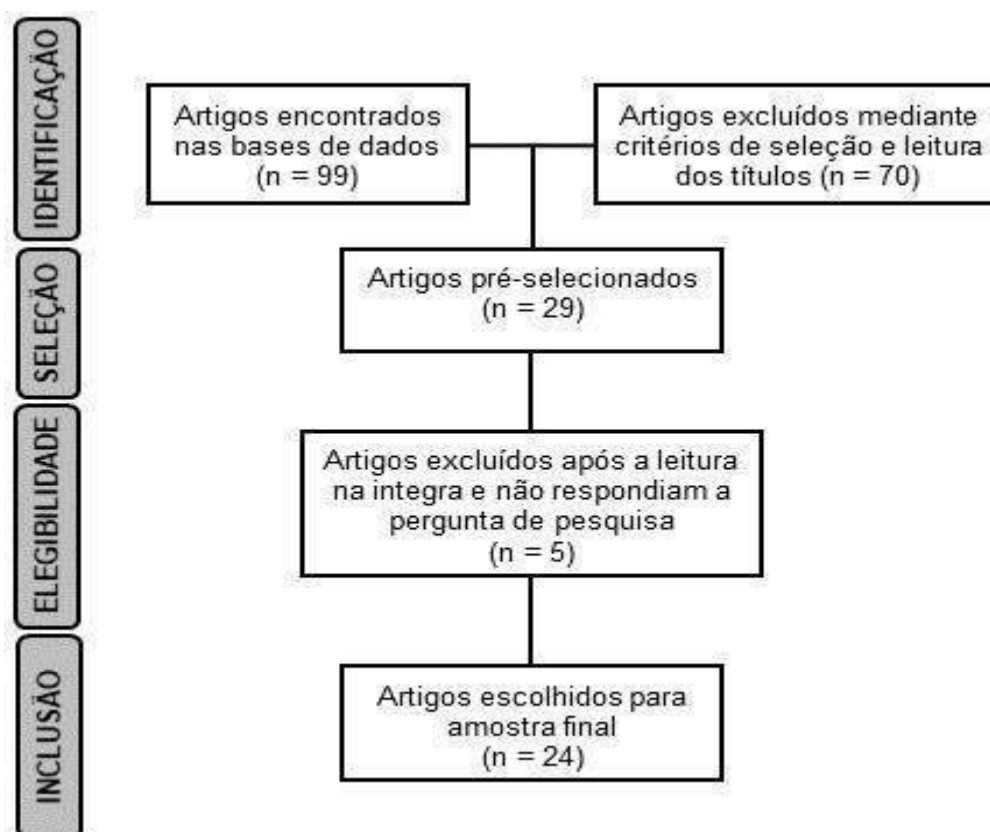
Fonte: Elaborado pelas autoras.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estratégia de busca resultou em 99 artigos, distribuídos nas bases de dados pré-determinadas. Os artigos duplicados foram retirados e contabilizados em apenas uma base de dados. O fluxograma de seleção de artigos para o presente estudo encontra-se exposto na Figura 1.

Os títulos e os resumos desses artigos foram lidos, sendo incluídos apenas aqueles de abrangência da temática do estudo, excluindo os que não correspondiam aos critérios de elegibilidade, previamente estabelecidos. Dessa forma, houve a redução da amostra para 29 artigos. Desses, foi realizada a avaliação dos artigos, lidos todos na íntegra, sendo retirados os que não respondiam à questão norteadora, restando apenas 24 artigos, como amostra final. O processo de inclusão e exclusão dos artigos encontra-se apresentado na Figura 1. Entre os artigos selecionados, 7 deles são estudos de corte, 4 transversais, 6 descritivos, 3 estudos de ensaio clínico, um meta-análise, um comparativo, um estudo controlado e um qualitativo.

Figura 1 – Fluxograma de Prisma adaptado para seleção dos estudos, 2020



Os resultados apresentados na Tabela 2 foram pautados nas 24 publicações, das quais: dez estudos foram obtidos na SciELO, quatorze na PubMed, sendo que dois no LILACS; devido os artigos encontrados estarem duplicados, foram mantidos somente nas duas bases de dados SciELO e PubMed. Os idiomas encontrados nos estudos foram o inglês, português e espanhol. Os países onde foram realizados os estudos foram: Brasil, Canadá, Colômbia, Espanha, França, Haiti, Indonésia, Peru, Tailândia e Estados Unidos; nesse, nos estados da Filadélfia, Los Angeles e Flórida. O período de publicação dos estudos incluídos ocorreu entre os anos de 2015 a 2020.

As travestis e mulheres trans no Brasil, em sua maioria, são desprezadas pela família e escola ainda muito jovens, restando-lhes as ruas como único espaço possível de sobrevivência, lazer e socialização. Sem formação, são excluídas do mercado de trabalho, muitas vezes encontrando na prostituição a única maneira para sua sobrevivência (NOGUEIRA, 2015; PELÚCIO, 2007).

De acordo com os estudos encontrados, verificou-se que as mulheres transgênero, infectadas pelo HIV, eram mais jovens comparadas às mulheres e homens cisgênero (FENNIE et al., 2016; SEEKAEW et al., 2018; REBACK et al., 2018). As mulheres transgênero apresentaram 34 vezes maior probabilidade de infecção pelo HIV, em comparação com todos os adultos em idade reprodutiva (BARAL et al., 2013). Segundo Nogueira (2015); Pelúcio (2007); Santos et al. (2019), esses dados podem estar relacionados a diversos fatores, como, por exemplo, o estigma de orientação sexual e a falta de apoio familiar que, frequentemente, gera a evasão escolar. A baixa escolaridade e também o estigma estão relacionados a menor oportunidade de emprego, desencadeando um conjunto de fatores degradantes que culminam na única opção que lhes resta: a prostituição em condições precárias.

A prevalência de HIV é desproporcionalmente alta entre mulheres trans, em comparação à população em geral (GRINSZTEJN et al., 2017; BARAL et al., 2013; POTEAT et al., 2014). Vários estudos abordaram essa desproporcionalidade por uma série de fatores individuais, sendo biológicos (ou seja, sexo anal desprotegido) e comportamentais (ou seja, falta de uso de preservativo, uso de substâncias psicoativas, entre outros), juntamente com fatores estruturais, como estigma e discriminação, que também desempenham um papel importante e podem influenciar comportamentos, práticas e atitudes em relação ao HIV, limitando o acesso a recursos socioeconômicos, especialmente educação, trabalho e serviços de prevenção (BARAL et al., 2013; POTEAT et al., 2014; HERBST et al., 2008).

A população infectada pelo HIV, nesses estudos, estava, em sua maioria, relacionada às minorias da população geral. Grande parte era população autodefinida como negra, parda, hispânica ou afro-americana (GAROFALO et al., 2018; BECKWITH et al., 2018; FENNIE et al., 2016; REBACK et al., 2018). A desigualdade racial é um fator de influência e/ou determinação do lugar do indivíduo na sociedade. A vulnerabilidade da população negra à infecção pelo HIV seria consequência, também, da violência estrutural que incide de modo mais perverso sobre o grupo, principalmente nas comunidades pobres. Visto que a exclusão social, à qual os afrodescendentes estão submetidos, influencia também o desenvolvimento e a continuidade dos programas de prevenção.

Na Colômbia, o uso de drogas e álcool é considerado um fator de vulnerabilidade entre Homens que fazem sexo com Homens (HSH), pois pode estar associado ao sexo desprotegido com parceiros transexuais (Alvarado et al., 2020). Em outros países, como a Tailândia, o uso de drogas e álcool também é considerado fator de risco para o HIV entre transgêneros (SEEKAEW et al., 2018). Além disso, a vulnerabilidade de mulheres trans na Colômbia, na América do Norte e Índia está associada aos fatores psicossociais e à violência que as impedem de negociar o uso de preservativo. Homens cis e mulheres cisgênero com baixo nível educacional também estão entre os indicadores de maior vulnerabilidade ao HIV, devido ao abuso de álcool e por terem parceiros sexuais trans; portanto, faz-se necessário que essas questões sejam reconhecidas, para que assim possam ser sugeridas medidas de intervenção, diretamente a essas populações de maior vulnerabilidade (ALVARADO et al., 2020).

O perfil dessa população no Brasil mostrou um grupo jovem, cuja faixa etária de diagnóstico era de 14 a 19 anos de idade, com renda mensal menor que três salários mínimos e com baixo nível educacional, em que a maioria não apresentava ensino fundamental completo e estava vulnerável em relação à falta de conhecimento sobre as formas de prevenção contra o HIV/AIDS, ao abandono familiar, à evasão escolar, à falta de suporte político social e estrutural (SILVA et al., 2020). A vulnerabilidade ao HIV apresenta relação com o perfil socioeconômico e estigma social, devido a maioria das pessoas transexuais começar a se assumir, geralmente, na adolescência. Em alguns casos, a resistência familiar para a aceitação causa situações como o abandono do lar. Em muitos casos, isso gera riscos sociais importantes, com interrupção nos estudos e sem suporte financeiro, inclusive levando

a pessoa a condições extremas como situação de rua (MAGNO et al., 2018). Com a falta de apoio familiar, essas pessoas optam pela prostituição como forma de ganhar dinheiro para se manterem e se transformarem da maneira com a qual se identificam (MONTEIRO; BRIGEIRO, 2019).

A vulnerabilidade à infecção pelo HIV está relacionada a vários fatores, como a relação entre a falta de bem estar psicossocial, o uso de drogas ilícitas e o sexo desprotegido, em que algumas profissionais do sexo são expostas a não negociação com seus clientes sobre o uso do preservativo (KEER et al., 2017; CASTEJON et al., 2020; ZUCCHI et al., 2019; SILVA et al., 2020). Ainda há relatos de alguns casos de sexo forçado nessa população, bem como alta ingestão de álcool, antes e durante a prática sexual. Além do Brasil, na Colômbia a vulnerabilidade ao HIV entre transexuais e travestis tem características sociodemográficas, a saber: profissionais do sexo, praticantes de sexo desprotegido com clientes e parceiros não fixos, e com histórico de abuso sexual (CASTEJON et al. 2020).

O uso de drogas e álcool pode ser considerado um fator de vulnerabilidade, pois em um estudo com 232 transexuais foi relatada a amnésia alcoólica (KEER et al., 2017). O fato dessas pessoas se esquecerem, do que fazem no período de embriaguez, tornam-nas mais vulneráveis a se submeterem a situações de risco, como, por exemplo, o uso de drogas injetáveis e sexo desprotegido. Na Espanha, os maiores índices de internação de mulheres trans são para transição e por doenças mentais relacionadas ao uso de álcool, cocaína, crack, depressão e ansiedade. Sendo possível demonstrar que esse nicho da população está amplamente exposto a esses importantes pontos de vulnerabilidade, além dos habituais. Dessa forma, é imprescindível que as equipes de saúde desenvolvam métodos de atendimento eficaz (ZAMALLOA et al., 2019), e que sigam as políticas nacionais de atendimento a essa população. A fim de conscientizar e minimizar os índices de dependência química e alcoólica entre trans e travestis, as equipes de saúde das unidades básicas podem analisar o perfil da sua região e, através disso, elaborarem estratégias, como a criação de grupos com esses dependentes químicos, que inclua o tratamento com equipe multiprofissional, oficinas que visem a inserção desses indivíduos em meios sociais, dos quais eles se sintam excluídos, conscientizando a população geral sobre a igualdade de gênero. Em relação à prevenção ao HIV/AIDS, é de suma importância que profissionais busquem medidas eficazes para a população em geral, com oficinas que incentivem os indivíduos a manusear o preservativo, além de se conscientizarem

sobre a suscetibilidade ao HIV/AIDS. Nessas oficinas, a população deve ser protagonista, ou seja, as oficinas práticas serão ministradas por ela mesma.

A falta do reconhecimento sobre os direitos das mulheres trans, por parte dos profissionais da saúde, torna-se um fator de risco, pois leva à fuga das mesmas em relação aos serviços de saúde (SILVA et al., 2020; ZAMALLOA et al., 2019). Na Indonésia, o acolhimento por parte dos profissionais da saúde faz com que a população de transexuais se sinta apoiada, alegando facilidade para acessar os serviços ou aderir aos medicamentos (FAUK et al., 2019). Porém, essa realidade ainda não é vista em todos os países, tampouco no Brasil, dificultando o contato dessa população com a equipe de saúde. Por exemplo, sabe-se que o preconceito e a discriminação pelos profissionais de saúde, ainda, são evidenciados e relatados pela população trans, o que tem causado fuga aos serviços de saúde. Dessa forma, para melhorar os resultados da saúde das mulheres trans, os profissionais de saúde pública devem ser treinados, além de serem culturalmente competentes para a abordagem dessa população específica (REBACK et al., 2018). Visando um contato mais empático, a Carta dos Direitos dos Usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) prevê e determina que o uso do nome social de travesti e transexual seja normalizado. Esse é um grande passo para o melhor acolhimento dessa população.

O mesmo estudo realizado na Indonésia descreve que os serviços de saúde existentes, relacionados ao HIV, pareciam ser acessíveis ou conhecidos pelos participantes do estudo, de várias maneiras. Por exemplo, workshops e discussões regulares de grupos focais, realizados por profissionais de saúde em colaboração com ONGs, foram mencionados nas entrevistas como atividades, por meio das quais as informações sobre HIV/AIDS e seus serviços de saúde eram relacionados (FAUK et al., 2019). No entanto, em cada país é possível observar uma realidade diferente, a presença de barreiras temáticas é uma das mais relatadas pelas mulheres transexuais, caracterizado pelo estigma, inacessibilidade dos sistemas de saúde, efeitos adversos da medicação, fatores estressantes concorrentes e baixa percepção de risco de HIV (WOOD et al., 2019).

Wood et al. (2019), em um estudo realizado na Filadélfia, apontaram que uma das barreiras mais citadas pelas transexuais foi o estigma, o qual assumiu várias formas, incluindo estigma relacionado ao HIV e homofobia, vivenciados por membros da família, profissionais de saúde, colegas e parceiros. Desse modo, observou-se que a estigmatização das mulheres transexuais e travestis produz discriminação, que se

concretiza pela exclusão social e nas mais variadas formas de violência. Os efeitos do estigma podem estar relacionados com desfechos psiquiátricos (como ideias suicidas e depressão) e com o uso de substâncias psicoativas. Ademais, a exclusão social pode estar relacionada com a baixa escolaridade e com as barreiras no acesso ao mercado de trabalho que, devido a isso, pode desenvolver uma influência para que essas pessoas entrem para o mercado sexual, como também a adoção de comportamentos arriscados, como, por exemplo, o uso de substâncias injetáveis sem orientações médicas e o sexo anal desprotegido, com parceiros sexuais fixos, casuais ou clientes (MAGNO et al., 2019).

A ausência de informação e orientação torna as mulheres trans e travesti em uma população de risco ao HIV, visto que a taxa de relações sexuais sem uso de preservativo é alta. Dessa forma, a intervenção de prevenção é uma grande aliada. Porém, acredita-se que só seja eficaz, quando houver combinação de características, ou seja, quando for fundamentada nas realidades sociais das participantes, focada no empoderamento; o que significa dizer, se houver a promoção da superação dos obstáculos da desigualdade, que as colocam em posição de desvantagem e nas necessidades práticas de cada indivíduo (GAROFALO et al., 2018). É preciso conhecer e assistir de perto a realidade de cada paciente, a fim de contribuir para a qualidade de vida e para atuar no processo de saúde-doença do público-alvo.

Sendo assim, uma estratégia indicada é a Prevenção Combinada que faz uso simultâneo de diferentes abordagens de prevenção, sendo: biomédica, que emprega métodos de barreira física ao vírus (preservativos) e uso de antirretrovirais (ARV); comportamental, que são ações que contribuem para o aumento da percepção e informação sobre o risco de exposição ao HIV e para sua consequente redução e, por fim, estrutural, sendo ações voltadas às condições e fatores socioculturais que estejam diretamente relacionados à vulnerabilidade de indivíduos ou grupos sociais específicos ao HIV, envolvendo o preconceito, estigma, discriminação ou qualquer outra forma de alienação dos direitos e garantias fundamentais à dignidade humana (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Dessa forma, pode ser aplicada em diversos níveis, como individual, parcerias/relacionamentos, comunitário, social, desde que atenda às necessidades específicas de cada população, como também às formas de transmissão de HIV, às demais IST, às hepatites virais (ao mesmo tempo ou em sequência), de acordo com hábitos e características individuais. Os métodos combinados incluem a testagem

regular para o HIV, que pode ser realizada gratuitamente no SUS; a prevenção da transmissão vertical (quando o vírus é transmitido para o bebê, durante a gravidez); o tratamento das infecções sexualmente transmissíveis e das hepatites virais; a imunização para as hepatites A e B; programas de redução de danos para usuários de álcool e outras substâncias; profilaxia pré-exposição (PrEP); profilaxia pós-exposição (PEP) e o tratamento de pessoas que já vivem com HIV. É de suma importância a adesão ao tratamento, pois uma pessoa com boa adesão medicamentosa atinge níveis virais baixos, anulando as chances de serem transmissores do vírus. Além disso, quem toma o medicamento corretamente tem menores chances de adoecimento e melhor qualidade de vida. Todos esses métodos podem ser utilizados pela pessoa isoladamente ou combinados (MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2018).

A profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) é a combinação de dois medicamentos, o tenofovir e a emtricitabina, cujo uso diário é eficaz na prevenção da infecção pelo HIV, principalmente entre HSH e mulheres transexuais (MOLINA et al., 2015; GRANT et al., 2014). A PrEP tem maior eficácia se os medicamentos forem ingeridos todos os dias, pois age como um bloqueio para que o vírus não se estabeleça no organismo e se espalhe (MOLINA et al., 2017), estando na Lista de Medicamentos Essenciais da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2019). Dois medicamentos promissores que, atualmente, são considerados para uso na profilaxia pré-exposição ao HIV, fazem parte da combinação de tenofovir disoproxil fumarato (TDF) e a emtricitabina (FTC), ambos atuando como inibidores de transcriptase reversa análogos de nucleosídeos. Esses medicamentos foram escolhidos como agentes para PrEP devido ao seu excelente histórico de segurança, um perfil de resistência favorável e efeitos colaterais limitados (DERDELINCKX et al., 2006). Essas drogas impedem que o HIV se multiplique, ou seja, impedindo que a enzima transcriptase reversa transcreva o material genético do HIV (RNA) em DNA, antes que o código genético do vírus seja inserido no genoma de uma célula infectada (OKWUNDU; UTHMAN; OKOROMAH, 2012).

É muito importante esclarecer e enfatizar que a PrEP não protege contra outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST); logo, o uso de preservativo associado ao medicamento é incentivado. Contudo, evidências em pesquisas mostraram que a PrEP oferecida em clínicas de saúde pública, em um ambiente de renda média, pode reter mais de 80% dos participantes por 48 semanas e alcançar

altos níveis de adesão consistente com, pelo menos, quatro doses por semana em mais de 70% dos retidos (GRINSZTEJN et al., 2018). Ou seja, aplicando-se a PrEP nas populações de alta vulnerabilidade, grande parte delas estaria em maior segurança. Embora tenham sido relatados estigma e desconfiança relacionados ao uso da PrEP, observando-se que grupos mais jovens foram mais sugestivos para não continuidade, destaca-se a importância da PrEP nessa população, visto o alto comportamento de risco. Além disso, é de fundamental importância que os programas de saúde pública no Brasil estabeleçam ações de conscientização e de informações quanto à eficácia da PrEP, propiciando um aumento da adesão ao longo do tempo, visando maior custo-benefício e melhor assistência de saúde a essa população.

Embora os sistemas de saúde tenham sido citados em alguns estudos como uma barreira ao acesso dessa população à PrEP (WOOD et al., 2019), deveriam funcionar como facilitadores, atuando no apoio social com os participantes e como conselheiros de adesão à PrEP, a fim de gerarem estratégias para superar essas barreiras.

Limitações do estudo

Diante das limitações percebidas no presente estudo, estão relacionadas à falta de dados específicos das populações estudadas, no território brasileiro, a dificuldade de pesquisar nas bases de dados selecionadas, utilizando os descritores controlados e não controlados e a falta de notificação que leva ao déficit das bases de dados.

Tabela 2 - Síntese dos estudos encontrados em relação perfil de travestis e mulheres transexual soropositivo.

	Referência	Base de dados	Origem	Tipo de estudo	Resultados
E1	Molina et al. (2017)	PubMed/MEDLINE	Canadá e França	Estudo de coorte	Avaliação da eficácia da PrEP; Demonstrou elevada eficácia; Nenhum participante adquiriu o HIV tendo realizado a PrEP corretamente.

E2	Liu et al. (2016)	PubMed/ MEDLINE	Estados Unidos	Estudo de coorte	Sugerem a expansão da implementação da PrEP em HSH, e a necessidade urgente de aumentar a conscientização da PrEP. Recomendam que se desenvolvam um suporte efetivo de adesão para populações afro-americanas e transgênero.
E3	Grinsztejn et al. (2018)	PubMed/ MEDLINE	Brasil	Ensaio clínico	Os resultados mostraram altos níveis de retenção, engajamento e adesão à PrEP, em uma população com renda média no país.
E4	Wood et al. (2019)	PubMed/ MEDLINE	Filadélfia	Estudo de coorte	Aspectos dos sistemas de saúde que serviram como barreiras (estigma, inacessibilidade geográfica) e, como facilitadores (ambientes de afirmação de gênero e sexualidade, presença de conselheiros de adesão à PrEP).
E5	Garofalo et al. (2018)	PubMed/ MEDLINE	Estados Unidos	Ensaio clínico	Os resultados apontaram que o Projeto LifeSkills é uma intervenção viável e eficaz na redução de HIV entre mulheres transgêneros jovens, devido a intervenção ter resultado em redução de

					39,8% maior em atos sexuais sem preservativo.
E6	Hassan et al. (2019)	PubMed/MEDLINE	Estados Unidos	Estudo de coorte	Mostram que HSH com parceiros transgêneros têm comportamento de maior risco de HIV em comparação com seus homólogos não-transgêneros.
E7	Seekaew et al. (2018)	PubMed/MEDLINE	Tailândia	Estudo de coorte	O TGW teve menor prevalência de HIV quando comparado ao de HSH (8,8% vs. 17,7%), a prevalência de HIV TGW estão relacionadas a questões sociodemográficas como o baixo nível de escolaridade e o uso de ATS (anfetamina).
E8	Song et al. (2018)	PubMed/MEDLINE	Estados Unidos	Meta-análise	As mulheres transgêneros apresentaram uma proporção maior de grupos de alto risco e comportamento para HIV e ISTs.
E9	Fauk et al. (2019)	PubMed/MEDLINE	Indonésia	Ensaio clínico	O acesso gratuito aos serviços de saúde, incluindo serviços de saúde relacionados ao HIV / AIDS, foi considerado um papel positivo na viabilização do acesso aos serviços.

E10	Beckwith et al. (2018)	PubMed/MEDLINE	Haiti	Estudo de coorte	Em estudo mostraram que os Transgênero eram mais propensos a se envolver em comportamentos de transmissão do HIV em comparação com homens cisgêneros de mesma idade dos mesmos estudos. Enquanto TW e CM relataram altas taxas de sexo sem preservativo, TW era mais provável do que CM ter múltiplos parceiros sexuais e se envolver em troca de sexo.
E11	Fennie et al. (2016)	PubMed/MEDLINE	Flórida	Estudo descritivo	O percentual médio de desemprego, pobreza e falta de conclusão do ensino médio, em áreas onde viviam mulheres transgênero, era menor do que onde viviam mulheres cisgênero, mas maior do que onde viviam homens cisgênero.
E12	Billings et al. (2016)	PubMed/MEDLINE	Peru	Estudo de coorte	As infecções por HIV não diagnosticadas nessas populações foram associadas ao baixo nível de escolaridade e ao envolvimento em relações sexuais anais receptivas, sem preservativo nos

					últimos 3 meses.
E13	Reback et al. (2018)	PubMed/MEDLINE	Los Angeles	Estudo comparativo	Para melhorar os resultados da saúde das mulheres trans, os profissionais de saúde pública devem ser treinados e culturalmente competentes para trabalhar com mulheres trans.
E14	Crosby et al. (2018)	PubMed/MEDLINE	Estados Unidos	Estudo controlado	As intervenções em nível estrutural podem ser vitais para retificar as disparidades observadas e existentes para mulheres trans negras jovens que fazem sexo com homens (YBTWSM), como: facilitando a mudança de nome legal, fortalecendo as políticas de proteção de emprego para mulheres trans e fornecendo serviços de saúde que afirmam o gênero.
E15	Zucchi et al. (2019)	SciELO	Brasil	Estudo transversal	Nessa amostra, comparativamente às pessoas que se auto identificam como mulheres transexuais, as que se identificam como travestis apresentam marcadores de

					maior vulnerabilidade social, tais como menor escolaridade, cor da pele preta ou parda, piores condições de moradia e maior envolvimento com prostituição.
E16	Abreu et al. (2019)	SciELO	Brasil	Estudo qualitativo descritivo	Os índices de evasão escolar de mulheres trans são ocasionados por falta de apoio e suporte primário. Além de que é imprescindível que profissionais da saúde estejam preparados para receber mulheres trans.
E17	Silva et al. (2020)	SciELO	Brasil	Estudo descritivo qualitativo exploratório	Mulheres trans são vulneráveis ao HIV por falta de conhecimento sobre auto-cuidado. O artigo também torna evidente que falta de preparo dos profissionais da saúde é um fator de vulnerabilidade.
E18	Keer et al. (2017)	SciELO	Brasil	Estudo transversal	O uso de álcool entre transexuais e travestis pode ser considerado fator de risco ao HIV, pois 76% não se lembravam do que fizeram embriagados.

E19	Abreu et al. (2020)	SciELO	Brasil	Estudo descritivo qualitativo exploratório	Bem estar psicológico é um conjunto de fatores, o artigo demonstra que a maior parte das mulheres trans e travesti optam pela prostituição por ganharem mais fácil, a maioria não tem mais que anos de estudo, salário inferior a 2 salários e a maioria tem moradia fixa.
E20	Castejon et al. (2020)	SciELO	Brasil	Estudo transversal	O bem estar psicológico é composto por um conjunto de fatores que leva em conta moradia, relação interpessoal, emprego, conhecimento, ausência de violência, ausência de doenças.
E21	Monteiro, Brigeiro (2019)	SciELO	Brasil	Estudo qualitativo	Travesti e mulheres transexuais começam a fase de transição na infância e na adolescência, fase que descobrem interesses sexuais, e o desejo de se vestirem com roupas e acessórios femininos. Aos 16, as travestis em sua maioria optam pela prostituição por falta de apoio familiar.

E22	Zamalloa et al. (2019)	SciELO	Espanha	Estudo observacional	Os índices de internação de mulheres trans na Espanha estão relacionados com problemas de saúde mental, drogas, álcool, depressão e ansiedade. Além das internações para cirurgia de transição.
E23	Marín et al. (2018)	SciELO	Colômbia	Estudo descritivo	Os resultados do presente estudo permitiram relacionar as características demográficas e comportamentos/ hábitos com história de fazer um teste de HIV em duas populações. Esses resultados permitem saber quais dessas características podem ter um impacto sobre a probabilidade de ter um teste anterior para HIV.
E24	Alvarado et al. (2020)	SciELO	Colômbia	Estudo transversal	O artigo evidenciou que mulheres trans se tornam vulneráveis ao HIV, pois a maioria das mulheres trans, praticantes de sexo comercial, não fazem uso de preservativo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho demonstrou que o perfil epidemiológico de mulheres transexuais e travestis, infectados pelo HIV, coloca em destaque indivíduos de baixa renda, negros, profissionais do sexo, expostos ao uso de álcool e drogas e, além disso, que vivem em situação de rua. Contribuiu para a identificação de população de maior vulnerabilidade a contrair o vírus, levando em conta a relação entre a falta de bem estar psicossocial, o uso de drogas ilícitas e o sexo desprotegidas, a que algumas profissionais do sexo são expostas, em razão da não negociação com seus clientes sobre o uso do preservativo.

Portanto, é de suma importância que as instituições de saúde reconheçam os direitos civis das mulheres transexuais e das travestis; e que os profissionais de saúde através de capacitação atuem para melhor atender essa população, orientando sobre a importância do uso de preservativos, sobre a PrEP e o risco a qual estão expostas a contrair ISTs, e que assim, possam abastecer os sistemas de informação, tornando essa população mais visível.

Vale ressaltar a ausência de pesquisas sobre esse tema no Brasil, o que pode refletir uma dificuldade do campo da enfermagem de se posicionar frente a tais assuntos, não obstante a relevância da trajetória desse agravamento à saúde no cenário nacional. Pode-se afirmar que a pesquisa em enfermagem é importante pela sua potencialidade de reconhecer o fazer, buscar novas maneiras de cuidado, associando as dimensões teóricas e práticas da profissão e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população, ao mesmo tempo em que dá sustentação à prática profissional.

Assim, não obstante a difícil tarefa de analisar uma produção científica tão complexa e variada como a da enfermagem por meio de resumos de artigos, com as limitações daí decorrentes, este estudo pretende contribuir no direcionamento de políticas públicas na busca e assistência aos grupos epidemiológicos mais vulneráveis, dentre a comunidade de mulheres transexuais e travestis, bem como fomentar o mundo acadêmico para a ampliação das pesquisas neste contexto.

REFERÊNCIAS

ABREU Paula Daniella de.; et al. *Dinâmicas da rede social das jovens transexuais femininas que (con)vivem com HIV/AIDS*. **Rev Bras Enferm.** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n5/pt_0034-7167-reben-72-05-1251.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

ABREU Paula Daniella de.; et al. *Representações sociais de mulheres transexuais vivendo com HIV/Aids*. **Rev Bras Enferm.** 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n3/pt_0034-7167-reben-73-03-e20180390.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

ALVARADO Beatriz; MUESES Hector Fabio; GALINDO Jaime; MARTÍNEZ-CAJAS Jorge Luis. *Aplicação da teoria "sindêmica" para entender o sexo desprotegido e o sexo comercial: um estudo transversal de homens que fazem sexo com homens (HSH), mulheres transexuais e homens que não fazem sexo com homens na Colômbia*. **Biomédica.** 2020. Disponível em: <<https://revistabiomedica.org/index.php/biomedica/article/view/5082>>. Acesso em: 19 set. 2020.

BARAL Stefan; POTEAT Tonia et al.; *Carga mundial do HIV em mulheres transgênero: uma revisão sistemática e meta-análise*. **The Lancet Infectious.** vol. 03. 2013. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23260128/>>. Acesso em: 05 set. 2020.

BARDIN Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2020.

BECKWITH Curte; KUO Irene; FREDERICKSEN Rob et al.; *Comportamentos de risco e resultados contínuos dos cuidados com o HIV entre mulheres trans e homens cisgêneros infectados com HIV e envolvidos na justiça criminal: Dados da Iniciativa de Harmonização Buscar, Testar, Tratar e Manter*. **PLoS One.** 2018. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0197730>>. Acesso em: 10 out. 2020.

BERNARDO, Wanderley Marques; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; JATENE, Fábio Biscegli. *A prática clínica baseada em evidências: parte II - buscando as evidências em fontes de informação*. **Rev. Assoc. Med. Bras.** São Paulo, v. 50, n. 1, p. 104-108, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010442302004000100045&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2020.

BILLINGS Joshua; DAVEY Dvora Joseph; KONDA Kelika et al. *Fatores associados à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana não diagnosticada previamente em uma população de homens que fazem sexo com homens e mulheres transexuais de homem para mulher em Lima, Peru*. **Medicine (Baltimore).** 2016. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27759645/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

CASTEJON Márcia Jorge; YAMASHIRO Rosemeire; OLIVEIRA Carmem Aparecida et al. *Veras Avaliação do desempenho de testes para diagnóstico da infecção pelo HIV*. **J Bras Patol Med Lab**. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/jbpm/v56/pt_1676-2444-jbpm-56-e1842020.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.

CROSBY Richard, SALAZAR Laura, HILL Brandon, MENA Leandro. *Uma comparação de comportamentos de risco de HIV entre homens cisgêneros jovens negros que fazem sexo com homens e mulheres transexuais negras jovens que fazem sexo com homens*. **Int J STD AIDS**. 2018. Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29350112/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

DERDELINCKX Inge, WAINBERG Mark, LANGE Joep, HILL Andrew, HALIMA Yasmin, BOUCHER Charles. *Crítérios para medicamentos usados em ensaios de profilaxia pré-exposição contra a infecção pelo HIV*. **PLoS Medicine**. 2006.

Disponível em:

<<https://journals.plos.org/plosmedicine/article?id=10.1371/journal.pmed.0030454>>.

Acesso em: 31 out. 2020.

FAUK Nelsensius Klau; MERRY Maria Silva; PUTRA Sukma; SIGILIPOE Mitra Andhini; CRUTZEN Rik; MWANRI Lillian. *Percepções entre mulheres transexuais de fatores associados ao acesso a serviços de saúde relacionados ao HIV / AIDS em Yogyakarta, Indonésia*. **PLoS One**. 2019. Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31415625/>>. Acesso em: 13 set. 2020.

FENNIE Kristopher; TREPKA Mary; MADDIX Lorene et al. *Comparação de fatores individuais e de nível de área entre indivíduos transgêneros e cisgêneros infectados com HIV na Flórida (2006-2014)*. **AIDS e comportamento**, 20 (10), 2186–2191. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10461-016-1308-y>>. Acesso em: 15 out. 2020.

GAROFALO Robert, KUHNS Lisa, REISNER Sari, BIELLO Katie, MIMIAGA Matthew. *Eficácia de uma intervenção de prevenção do HIV realizada em grupo e baseada no empoderamento para jovens mulheres trans: o ensaio clínico randomizado do projeto LifeSkills*. **JAMA Pediatr**. 2018; 172 (10): 916-923.

Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30105381/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2002. Disponível em:

<http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

GRANT Robert et al. *Apreensão de profilaxia pré-exposição, práticas sexuais e incidência de HIV em homens e mulheres transexuais que fazem sexo com homens: um estudo de coorte*. **The Lancet**. Infectious diseases vol. 14. 2014. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1473309914708473>>.

Acesso em: 05 set. 2020.

GRINSZTEJN Beatriz, HOAGLAND Brenda, MOREIRA Ronaldo, et al. *Retenção, envolvimento e adesão à profilaxia pré-exposição para homens que fazem sexo com homens e mulheres transexuais na PrEP Brasil: resultados de 48 semanas de um estudo de demonstração.* **Lancet HIV**. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29467098/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

GRINSZTEJN Beatriz, JALIL Emilia, MONTEIRO Laylla, VELASQUEL Luciane et al. *Desvendando a dinâmica do HIV entre mulheres transexuais: um estudo de amostragem dirigido por respondentes no Rio de Janeiro, Brasil.* **Lancet HIV** 2017. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28188030/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

HASSAN Adiba, WERTHEIM Joel, BLUMENTHAL Jill, et al. *Características de uma coorte de homens de alto risco que fazem sexo com homens em profilaxia pré-exposição relatando parceiros sexuais transgêneros.* **Medicine (Baltimore)** . 2019; 98 (50): e18232. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31852085/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

HERBST Jeffrey, JACOBS Elizabeth, FINLAYSON Teresa, et al. *Estimativa da prevalência de HIV e comportamentos de risco de pessoas trans nos Estados Unidos: uma revisão sistemática.* **AIDS Behav** 2008. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10461-007-9299-3>>. Acesso em: 20 set. 2020.

KERR-CORREA, Florence et al. Hazardous alcohol use among transwomen in a Brazilian city. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 33, n. 3, 2017 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000305004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2020.

KULICK Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.* Rio de Janeiro: **Fiocruz**; 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0102-311X201900040020100002&lng=en>. Acesso em: 20 set. 2020.

LIU Albert, COHEN Stephanie, VITTINGHOFF Eric, et al. *Profilaxia pré-exposição para infecção por HIV integrada com serviços de saúde sexual municipais e comunitários.* **JAMA Intern Med**. 2016; 176 (1): 75-84. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26571482/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

Luciw PA. *Human immunodeficiency viruses and their replication.* In: Fields BM, Knipe DM. *Fields Virology*. 3th edition Philadelphia, Lippincott- **Raven Publishers**, p.1881-1952, 1996. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK419318/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

MAGNO Laio, DOURADO Inês, SILVA Luís Augusto, BRIGNOL Sandra, AMORIM Leila, MACCARTHY Sarah. *Discriminação baseada em gênero e sexo anal receptivo desprotegido entre mulheres trans no Brasil: um estudo de métodos mistos.* **PLoS ONE**. 2018. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0194306>>. Acesso em: 16 set. 2020.

MAGNO, Laio et al. *Estigma e discriminação relacionados à identidade de gênero e à vulnerabilidade ao HIV/aids entre mulheres transgênero: revisão sistemática*. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4; 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000400501&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 out. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais*. **Brasília** 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/prevencao_combinada_web1.pdf>. Acesso em: 31 set. 2020.

MOLINA Jean-Michel, CHARREAU Isabelle, SPIRE Bruno, et al. *Eficácia, segurança e efeito sobre o comportamento sexual da profilaxia pré-exposição sob demanda para HIV em homens que fazem sexo com homens: um estudo de coorte observacional*. **Lancet HIV**. 2017. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28747274/>>. Acesso em: 16 set. 2020.

MOLINA Jean-Michel et al. *Profilaxia pré-exposição sob demanda em homens com alto risco de infecção por HIV-1*. **The New England journal of medicine** vol. 373. 2015. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMoa1506273>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MONTEIRO Simone, BRIGEIRO Mauro. *Acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde*. **Cad. Saúde Pública**. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v35n4/1678-4464-csp-35-04-e00111318.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2020.

MUESES-MARÍN Héctor Fabio, et al. *Perceptions about sexual risk, HIV and HIV-testing in Cali, Colombia*. **Colombia Médica** - Vol. 49 N°2 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6084922/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

NUTTBROCK Larry, BOCKTING Walter, et al. *Gender abuse and incident HIV/STI among transgender women in New York city: buffering effect of involvement in a transgender community*. **AIDS Behav**. 2014. Disponível em: <<https://ajph.aphapublications.org/doi/10.2105/AJPH.2014.302106>>. Acesso em: 07 set. 2020.

OKWUNDU Charles, UTHMAN Olalekan, OKOROMAH Christy AN. *Profilaxia pré-exposição antirretroviral (PrEP) para prevenir o HIV em indivíduos de alto risco*. **Cochrane Database of Systematic Reviews** 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/14651858.CD007189.pub3>>. Acesso em: 31 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Lista modelo de medicamentos essenciais da Organização Mundial da Saúde: 21ª lista*. 2019. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/325771>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PELÚCIO Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS [tese de doutorado]*. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Universidade Federal de São Carlos; 2007. Disponível em:

<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1399/TeseLP.pdf?sequence=1>>
Acesso em: 15 set. 2020.

POTEAT Tônia et al. *HIV risk and preventive interventions in transgender women sex workers*. **Lancet**. London, England. vol. 385. 2015. Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25059941/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

POTEAT Tônia, REISNER Sari, et al. *Global health burden and needs of transgender populations: a review*. **Published online**. 2016. Disponível:

<[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)00684-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(16)00684-X)>. Acesso em: 19 out. 2020.

REBACK Cathy, CLARK Kirsty., HOLLOWAY Ian W, & FLETCHER Jesse. *Disparidades de saúde, comportamentos de risco e utilização de cuidados de saúde entre mulheres trans no condado de Los Angeles: uma comparação de 1998-1999 a 2015-2016*. **AIDS and behavior**. 2018. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1007/s10461-018-2165-7>>. Acesso em: 15 out. 2020.

REIS, Toni, Organização Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI /GayLatino, 2018. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2020.

RICHARDSON, W S. et al. *The well-built clinical question: a key to evidence-based decisions*. **ACP journal club** vol. 123, 3. 1995: A12-3. Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7582737/>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ROCHA Rita Martins Godoy; PEREIRA Débora Letícia; DIAS Thaísa Magna. *O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo*. **Saude soc.**, São Paulo, v. 22, n. 2, pág. 554-565, 2013. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 set. 2020.

SEEKAEW Pich, et al. *Características e perfis epidemiológicos do HIV de homens que fazem sexo com homens e mulheres trans em grupos de teste e tratamento liderados pela população-chave na Tailândia*. **PLoS One**. 2018. Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30161226/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

SILVA, Rafaela Greice da et al. *Vulnerabilidade em saúde das jovens transexuais que vivem com HIV/aids*. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 73, n. 5, 2020.

Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000500171&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2020.

STONE, Patricia W. *Popping the (PICO) question in research and evidence-based practice*. **Applied nursing research: ANR** vol. 15,3. 2002. Disponível em:<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0897189702000101?via%3Dihub>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SOARES, Cassia Baldini et al . Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 335-345.2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342014000200335&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2020.

SONG Tian-Zhang, ZHANG Ming-Xu, ZHANG Han-Dan, XIAO Yu, PANG Wei, ZHENG Yong-Tang. *Comparação do status de HIV entre mulheres trans e homens que fazem sexo com homens: uma meta-análise.* **J Assoc Nurses AIDS Care.** 29 (5): 681-697. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29716789/>>. Acesso em: 22 set. 2020.

UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e AIDS. *Report on the global AIDS epidemic.* Brasília: **UNAIDS.** 2008. Disponível em:<https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/jc1510_2008globalreport_en_0.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e AIDS. *Guia de Terminologia do UNAIDS.* Brasília: **UNAIDS.** 2019. Disponível em: <https://unaids.org.br/wpcontent/uploads/2017/10/WEB_2017_07_12_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

WOOD Sarah, GROSS Robert, SHEA Judy, et al. *Barreiras e facilitadores da adesão à PrEP para homens jovens e mulheres transexuais de cor.* **AIDS Behav.** 23 (10):2719-2729. 2019. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30993479/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

ZUCCHI, Eliana Miura et al . Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro , v. 35, n. 3, 2019 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000305008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2020.